

# CONSCIÊNCIA E LIBERTAÇÃO NA PSICANÁLISE \*

Vincenzo Di Matteo \*\*

---

*Neste artigo o Autor apresenta o seguinte sumário:*

*Introdução: os objetivos visados; delimitação e definição dos termos chaves; os referenciais teóricos.*

*Primeira parte: o problema da consciência na psicanálise e suas implicações filosóficas:*

*1. A psicanálise e a Roma filosófica. 2. Freud, a Filosofia e os filósofos. 3. Da mitopsicologia à metapsicologia. 4. O corte epistemológico. 5. A revolução psicanalítica e as questões filosóficas novas.*

*Segunda parte: A libertação na psicanálise:*

*1. A psicanálise no movimento da cultura contemporânea: as resistências à psicanálise. 2. A ideologização da psicanálise. 3. As dimensões libertadoras da teoria e da prática psicanalítica: método psicanalítico; a ética da psicanálise; os objetivos terapêuticos e as metas morais da psicanálise.*

*Conclusão e referências bibliográficas.*

---

## **Introdução:**

O título é sugestivo e insinuante. Desperta curiosidade. Mobiliza nossos desejos e ideais de libertação. No entanto, é bom precaver-se. Filosofia e Psicanálise são duas bebidas amargas. Não prometem muito. Não têm um remédio para todos os males. Posuem, porém, a virtualidade de sacudir nossas falsas consciências e desencadear um possível processo individual e social de libertação.

Assim se deu com Édipo o herói trágico em luta com o destino que o persegue. Ao deixar de considerar-se um cidadão acima de qualquer suspeita, encontra, progressivamente, a sua dura ver-

---

\* Palestra proferida por ocasião da I Semana de Filosofia da UFPE, realizada de 9-13.12.91 no Departamento de Filosofia.

\*\* Vincenzo Di Matteo é professor do Departamento de Filosofia da UFPE.

## 2 - Possibilidade e limites de uma hermenêutica filosófica de Freud.

Tentaremos, num primeiro momento, fazer como um trabalho de historiador da filosofia, procurando compreender o pensamento de Freud e acompanhando seu discurso variado onde articula com lucidez e honestidade o que P. Ricoeur chama “questões de sentido” (sentido do sonho, do sintoma, da cultura etc.) e “questões de força” (investimento, balanço econômico, conflito, recalque etc. . .).

O trabalho do historiador exigirá a leitura do texto e suas inter-relações internas com o contexto cultural. Não visa apenas repetir ou resumir o pensamento freudiano, mas de alguma maneira “construir” ou reconstituir a estrutura arquitetônica da obra.

Não é uma tarefa fácil. Freud não é um pensador como Platão, Descartes, Hegel, Heidegger. . . Não se enquadra com facilidade no panteon da história da filosofia. Não se reconhece como filósofo. Sua produção teórica estaria direta e exclusivamente relacionada com o mundo da ciência. Além disso, o discurso freudiano parte de uma experiência clínica que nem sempre o historiador da filosofia vivenciou. Sobretudo, o pensamento freudiano mobiliza nossos conflitos e resistências, atrapalha o sono de todos, inclusive do filósofo.

Apesar de todas estas dificuldades e limitações, o próprio Freud autorizou o ingresso dos não iniciados no campo da psicanálise.

Ele mesmo nos introduziu com suas conferências, seus livros dirigidos a todos e não apenas aos psicanalistas. Apresenta-nos o objeto de sua pesquisa, o desejo humano “na sua relação mais ou menos conflitual com o mundo da cultura, com um pai e uma mãe, com autoridades, com os imperativos e as interdições, com obras de arte, com objetivos sociais e ídolos” (36:140)

Em suma, a experiência e a doutrina psicanalítica não pertencem ao inefável. São expressões da experiência humana comum e passíveis de compreensão.

Antes de prosseguirmos, porém, nesta tentativa de compreender a psicanálise e suas dimensões de libertação implicadas nas suas descobertas, é necessário definirmos os termos-chaves de nossa reflexão: o que entendemos por psicanálise, consciência, libertação?

dade. O criminoso responsável pela peste de Tebas é o próprio rei. A verdade liberta Édipo e a própria cidade.

## 1 - Os objetivos

Pretendo, num primeiro momento, apresentar o problema da consciência na psicanálise e suas implicações filosóficas. Em seguida, articular o tema da libertação a partir da descoberta do inconsciente psicanalítico.

Proponho, portanto, um diálogo inter-disciplinar entre filosofia e psicanálise apesar das resistências filosóficas a uma teoria que faz explodir os alicerces da consciência sobre os quais se constrói o discurso filosófico e não obstante uma certa autosuficiência do fundador da psicanálise ao afirmar que a psicanálise “fará da se”.

Tanto a psicanálise como a filosofia nasceram do desejo de destruir os ídolos da ilusão e da mentira para guiar-se unicamente pelo “deus logos”. Segundo Freud, porém, a filosofia teria traído o seu deus. Os dois grandes pecados dos filósofos foram: 1º pretender explicar o todo a partir do uno, fornecendo uma Weltanschauung acabada com respostas para tudo; 2º Não reconhecer a existência do inconsciente psicanalítico.

Os filósofos, por sua vez, não ficaram atrás nas suas críticas à psicanálise, dando origem a um verdadeiro diálogo de surdos.

A psicanálise, ao teimar em se considerar uma “ciência da natureza”, conseguiu apenas ser uma manifestação da ideologia cientificista. Ao destruir o mito científico da psicanálise, alguns filósofos concluíram, apressadamente, que a psicanálise nada tinha a oferecer à filosofia.

Hoje, mais amadurecidos, psicanalistas e filósofos estão mais desarmados. Parece que as ironias iniciais cederam lugar à velha e nunca ultrapassada sabedoria socrática: sabemos que não sabemos.

A psicanálise obriga a filosofia a repensar sua antropologia e sua ética, ancoradas secularmente na primazia da consciência.

A filosofia, por sua vez, poderá beneficiar a psicanálise com críticas e abordagens diferentes, nem que seja relembrando-lhes que ela é apenas um dos raios que iluminam a existência humana e que “ela só pode fazer contribuições, que requerem ser completadas a partir da psicologia do ego” (9:259)

### 3 - Delimitação dos temas e problemas envolvidos

#### 3.1 - O que se entende por psicanálise?

A palavra "psicanálise" nos é familiar, mas a realidade a que remete é complexa. Existem hoje várias instituições psicanalíticas que se ramificaram em várias direções, o que não é necessariamente um mal. O fenômeno evidencia o fato de que a psicanálise deixou de ser simplesmente e apenas 'a teoria de Freud'. Os desenvolvimentos da psicanálise são consideráveis, mas para a finalidade que nos propomos é suficiente se ater à definição que nos deu aquele que na História do Movimento Psicanalítico escreveu - "a psicanálise é criação minha. . . acho justo continuar afirmando que ainda hoje ninguém pode saber melhor do que eu o que é psicanálise". (10:16)

A psicanálise é um método de investigação do inconsciente, é um método terapêutico e uma metapsicologia (24). O que ela tem a oferecer para uma nova compreensão da consciência? Existem dimensões de libertação da teoria e na prática psicanalítica?

#### 3.2 - O que entenderemos por consciência?

A palavra tem uma longa história. Seus significados variaram muito e a realidade misteriosa a que remete o termo foi interpretada de múltiplas maneiras. (1:171ss)

Um dos conceitos mais recorrentes e que se firmou na tradição cartesiana, da qual ainda somos herdeiros, é de relação consigo mesmo.

Trata-se de uma relação com nosso mundo interior ou espiritual que nos permite um conhecimento imediato e direto, bem como um julgamento certo e infalível de nós mesmos.

As características da consciência são as seguintes: primeiro, ela engloba todas as manifestações da vida psíquica do homem, do sentir ao raciocinar, ao querer. Não é portanto uma parte da "alma" ou uma particular atividade do espírito humano.

Segundo, a esfera da consciência, portanto, coincide plenamente e totalmente com a esfera da subjetividade, é a mesma do "eu", do sujeito pensante.

Terceiro, a auto-evidência existencial do eu é fundamento da certeza da própria existência e da certeza de outros conhecimentos que se apresentem à consciência como 'claros e distintos'.

Veremos que é contra esta concepção de consciência em que psíquico e mental coincidem, que vai se insurgir Freud. A psicanálise é uma das reações ao 'consciencialismo' que para Nietzsche tinha se tornado uma 'doença européia'.

#### 3.3 - O que entendemos por libertação.

A palavra libertação é uma espécie de bandeira na qual se reconhecem marxistas, cristãos, budistas, psicólogos, humanistas em geral.

A palavra assusta ainda algumas pessoas porque é de alguma maneira associada à filosofia marxista, à luta de classes como o caminho necessário para se chegar à plena libertação dos homens rumo à utopia de uma sociedade finalmente e definitivamente fraterna.

Independentemente dos vários contextos em que a palavra libertação aparece, ela implica que devemos antes de tudo partir de uma análise histórico-existencial da condição humana, reconhecer os condicionamentos culturais e estruturais que entravam a realização de um projeto pessoal e comunitário onde liberdade, igualdade, justiça, solidariedade não sejam palavras vãs.

Nesta perspectiva, libertação evoca um 'caminhar para' a partir de um 'livrar-se de'. No decurso da palestra tentaremos identificar os determinismos inconscientes, as metas apontadas pela psicanálise e os caminhos para alcançá-las.

### 4 - Os referenciais teóricos

Quem nos vai ajudar e nos ajudou a formular as perguntas e ensaiar algumas respostas é antes de tudo o próprio Freud, especialmente nos livros, artigos e conferências onde aborda diretamente o tema da consciência e do inconsciente, bem como as implicações das descobertas psicanalíticas para a civilização.

Em segundo lugar, muito nos identificamos com a hermenêutica filosófica de Freud realizada por P. Ricoeur, especialmente nos seus dois livros traduzidos para o português com os títulos 'O conflito das interpretações' e 'Da Interpretação'. É uma tentativa que nos parece brilhante de fazer filosofia a partir de Freud, com Freud, mas também além de Freud.

Enfim, para articular o discurso psicanalítico com os ideais éticos libertadores, servimo-nos da contribuição de J. Lacan e de E. Fromm.

O primeiro se colocou explicitamente o tema da ética da psicanálise numa série de conferências pronunciadas no ano de 59-60 e traduzidas alguns anos atrás para o português com o título 'Seminário 7: Ética da Psicanálise'.

O segundo, E. Fromm, é um dos representantes da Escola de Frankfurt, psicanalista, sociólogo e filósofo. No seu livro 'Religião e Psicanálise' defende que a teoria e a prática psicanalítica situam-se dentro de uma mesma e grande corrente humanista libertadora de filósofos gregos, orientais, dos profetas bíblicos e fundadores de religião.

## PRIMEIRA PARTE: O PROBLEMA DA CONSCIÊNCIA NA PSICANÁLISE E SUAS IMPLICAÇÕES FILOSÓFICAS

### 1 - A psicanálise e a Roma filosófica.

É notório o fascínio e a ambivalência que Roma exerceu sobre Freud. A Roma histórica e arqueológica se misturava com a Roma dos papas, centro do cristianismo. O Freud revive um pouco o drama de Aníbal. Por mais de uma vez chegou, quase que literalmente, às portas de Roma, mas não conseguiu atravessar o Rubicão simbólico que se interpunha entre ele e a cidade santa.

Da mesma maneira, analogicamente, poderíamos falar de uma Roma filosófica, concretamente da Filosofia, objeto de desejo e recusa em Freud. Por que a ambivalência de Freud com os filósofos e a filosofia?

### 2 - Freud, a Filosofia e os filósofos (4).

Podemos distinguir duas posturas e dois discursos de Freud com relação à filosofia e aos filósofos. Num primeiro momento, encontramos o Freud das cartas, o Freud epistolar. Confessa ao amigo Fliess na carta de 2 abril de 1896: "quando jovem meu único desejo era adquirir conhecimentos filosóficos, e agora que estou passando da medicina para a psicologia estou em via de concretizar esse desejo". (7:276)

Depois dos 40 anos, precisamente a partir da descoberta da psicanálise, o discurso freudiano muda. Faz questão de considerar-se 'a-filósofo', "constitucionalmente incapaz para a filosofia propriamente dita (17:75) e, frequentemente, chega a parecer anti-filósofo, sugerindo um "dar de ombros" como resposta melhor às críticas deles. (17:44)

O ponto da discórdia é uma compreensão antagônica e irreconciliável do psiquismo humano. O inconsciente psicanalítico é incompatível com a filosofia da consciência e com a filosofia do inconsciente.

### 3 - Da mitopsicologia à metapsicologia do inconsciente.

Ao identificar o psíquico com o mental Descartes criou um problema habitacional para o inconsciente. Freud está convencido que a hipótese de um inconsciente psíquico é útil e necessária para explicar as muitas lacunas da consciência e fenômenos como os sonhos, as parapraxias, os sintomas neuróticos. Os filósofos da consciência por sua vez julgavam o inconsciente freudiano um filho bastardo da filosofia, um absurdo lógico.

Os pensadores que intuíram confusamente a existência de processos psíquicos inconscientes não foram capazes de analisá-los cientificamente. Enquanto os primeiros fizeram uma mito-psicologia, projetando nos céus metafísicos as obscuras percepções endopsíquicas, Freud elabora uma metapsicologia. O "meta" não remete para o transcendente, o para cima, e sem para o profundo, para o científico. A metapsicologia freudiana não desce dos céus metafísicos, nem a eles chega. Parte da observação dos fatos para se chegar a uma teorização, a qual será sempre condicionada e questionada pelas exigências da pesquisa científica.

Na realidade não é difícil montar uma série de citações de pensadores, franceses, alemães, ingleses, onde nos falamos de um inconsciente. Pascal, Melebranche, Leibniz, Hume, Fichte, Goethe, Schiller, Herbart, Fechner, Hartmann, Schopenhauer, Nietzsche. . . são mais de 50 autores (40) que já haviam levantado hipóteses análogas e, às vezes, surpreendentemente periclitadas com as teses freudianas.

Como Freud se posiciona diante de tantas divergências e convergências?

Distingue ele três categorias de pensadores:

1º - A maioria dos filósofos, especialmente os acadêmicos, herdeiros do consciencialismo cartesiano, não chega nem a admitir a hipótese do inconsciente, devido à falta de familiaridade com métodos de trabalho científico e com o estudo direto dos fenômenos mentais, especialmente patológicos. (8)

2º - Os que chegaram a falar do inconsciente o tornaram uma noção tão mística, indemonstrável e obscura que com o inconsciente psicanalítico tem em comum apenas o nome.

3º - Alguns poucos, como por ex. Lipps, Schopenhauer, Nietzsche, que chegaram a intuições muito próximas às da psicanálise, eram pouco conhecidos de Freud. Aos primeiros caberia o mérito da prioridade da descoberta, a ele o da originalidade por ter chegado ao inconsciente psicanalítico não pelo fácil caminho da intuição filosófica, mas pelo árduo caminho da investigação científica. (10:25)

#### 4. - O corte epistemológico (19)

A descrição dos resultados da pesquisa científica do inconsciente se encontra no famoso artigo metapsicológico de 1915, escrito em menos de um mês - de 4 a 23 de abril de 1915 - mas, sem dúvida, a produção mais importante de todos os escritos teóricos de Freud.

O termo inconsciente pode ser entendido de várias maneiras. De um ponto de vista topográfico ele designa o 'latente', o material que não está na consciência, mas que pode tornar-se consciente.

De um ponto de vista dinâmico ele é o recalcado, o excluído. Algo do nosso psiquismo não apenas não está na consciência, mas não pode estar, porque é inaceitável e expulso da consciência.

De um ponto de vista sistemático, o inconsciente é "o outro", uma outra coisa, melhor, um outro neutro que mais tarde Freud retoma explicitamente através da palavra **Id**.

O que chama atenção neste 'aparelho da alma' ou aparelho psíquico é a descoberta de algo radicalmente novo que funciona sem o nosso consentimento e que nos determina em toda uma série de processos tais como os sonhos, os sintomas neuróticos, os atos falhos, os chistes.

Nesta primeira tópica se tem a impressão que o inconsciente é algo que se identifica com o recalcado, precisando procurar o recalcante num outro sistema, o pré-consciente-consciente. A experiência clínica, porém, levou Freud alguns anos mais tarde a perceber que o recalcante também ele é inconsciente. Em outras palavras, a própria defesa é inconsciente. Assim, em 1923 Freud nos dá uma outra descrição do aparelho psíquico no seu livro *O Ego e o Id* (11). Fala-nos do **Id**, do **Ego** e do **superego**. A introdução do **Id** torna o inconsciente mais estranho, mais perto de uma força vital, mais desconhecido, acentua a evidência do impessoal, do que é radicalmente estranho ao sistema superior.

O conflito psíquico não se daria entre o consciente e o inconsciente, mas entre duas partes do ego.

Ao compararmos as duas tópicas notamos que a segunda está muito próxima de um certo antropomorfismo. Fala-se das instâncias psíquicas como se fossem personagens reais, atuando dentro de nós.

"O campo intrasubjetivo - escreve Laplanche - tende a ser concebido segundo o modelo de relações intersubjetivas, os sistemas são apresentados como pessoas realmente autônomas da pessoa. Nesta medida, a teoria científica do aparelho psíquico tende a aproximar-se da forma fantástica como o indivíduo se concede e até se constrói" (30:661).

Na primeira tópica o termo inconsciente é tomado mais como substantivo, lugar dos representantes das pulsões. As representações buscam um acesso até à consciência (retorno do recalcado), mas devido à ação da censura só conseguem chegar de forma distorcida.

Na segunda tópica o termo inconsciente é tomado mais como adjetivo que caracteriza tanto o **Id** como em parte o **Ego** e o **Superego**. O que resta de comum entre o inconsciente e o **Id** não são nem os limites, nem os conteúdos, mas o modo de funcionamento, através do processo primário.

O termo 'Unbewusst' (inconsciente), apesar de sua estreita ligação com o **id**, permanecerá até o fim como a pedra fundamental da psicanálise na qual podemos tropeçar ou torná-la pedra angular de uma nova antropologia.

## 5 - A revolução psicanalítica e as questões filosóficas novas.

Para quem teve uma formação filosófica tradicional o encontro com a psicanálise é um encontro perturbador. Tem-se a impressão que não é um aspecto ou outro da filosofia que a psicanálise questiona, é o edifício filosófico no seu todo que é abalado. O inconsciente psicanalítico coloca um problema crucial para quem, de alguma maneira, é filho cultural do consciencialismo cartesiano.

O "cógito", pedra angular da filosofia moderna, é colocado em questão. O ser do homem, deitado eternamente no berço esplêndido da consciência filosófica, é obrigado a levantar-se e buscar outros fundamentos. A própria consciência permanece órfã de sua certeza.

A psicanálise nos obriga a percorrer um caminho análogo ao de Platão. Partindo da convicção parmenidiana da imutabilidade do ser é obrigado a reconhecer no "Sofista" que a questão do ser é tão obscura quanto a do não-ser.

Os filósofos, igualmente, partindo do cógito cartesiano, serão obrigados pela psicanálise a reconhecer que a questão da consciência é tão obscura quanto a do inconsciente.

Naturalmente, o repensamento da noção de consciência exigirá, como consequência a formulação de uma nova antropologia que, dialeticamente, consiga integrar o consciente e o inconsciente humano numa nova filosofia do sujeito. Que nova visão do homem vai emergir? Como vai ser este homem, equilibrando-se precariamente entre razão e loucura, responsabilidade e fragilidade, liberdade e determinismo, herança biológica e herança cultural, destino e história?

A psicanálise não fornece as respostas, apenas algumas contribuições para uma nova filosofia da consciência.

A consciência de si é indubitável, afirmava Descartes. Posso duvidar de tudo, menos da minha consciência que duvida. (5:46)

Mas nos diz a psicanálise: consciência certa não é sempre e necessariamente sinônimo de uma consciência verdadeira. O famoso e enigmático fragmento parmenidiano "ser e pensar são uma única e mesma coisa" não nos autoriza a concluir que certeza e verdade coincidem. Minha consciência pode estar certa, mas ser uma consciência falsa.

A crítica a esta concepção de consciência singular, que se identifique com seus conteúdos imediatos, não é estranha à tra-

dição filosófica. A adequação da mente à coisa (adequatio mentis ad rem), no nosso caso da consciência à própria consciência, da consciência de si mesmo, não é algo de pacífico e de imediato. Existe uma inadequação inicial, uma distância entre certeza (pretensão saber) e saber verdadeiro da consciência. A crítica radical se dá com a psicanálise. A consciência filosófica precisa de conversão. É necessário deixar de olhar para o próprio umbigo, renunciar à crença narcísica de ser possuidora de certezas, mudar o foco de atenção, de si mesma para o não claro, o não pensado, o não dito.

O que podemos afirmar da consciência depois de Freud?

O filósofo que leva a sério as armadilhas da consciência não poderá mais fazer uma filosofia do sujeito que coincida com uma filosofia da consciência. Descartes chega à certeza do cógito, partindo da dúvida das coisas. A psicanálise introduz a dúvida exatamente lá onde Descartes tinha encontrado a certeza.

"O que emerge dessa reflexão é um cógito ferido; um cógito que se põe, mas não se possui; um cógito que só compreende sua verdade originária na e pela confissão da inadequação, da ilusão, da mentira da consciência atual". (36:147)

Em outras palavras, para se chegar à verdade do "eu" é necessário ultrapassar as ilusões do "mim". É um caminho mais longo. Não podemos confiar nos dados imediatos da consciência. Paul Ricoeur resume tudo numa frase sugestiva: "a consciência não é origem, mas tarefa" (36:94). Como entender esta afirmação?

Depois de Freud, o psiquismo não pode ser mais representado por um círculo cujo centro é a consciência. A insistência de Freud sobre o inconsciente parece reduzir o psiquismo a um círculo cujo centro é o inconsciente, cabendo à consciência debater-se na periferia, pobre diabo, servindo a três senhores: o Id, o Superego e a realidade. (12:99). Na verdade, às vezes se tem a impressão que o Ego é esmagado pelas superpotências do Id e do Superego, o que levou Sartre a ironizar o poder do ego, comparando-o à autonomia da França, espremida entre as superpotências da América e da União Soviética.

No entanto a XXXI das Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, a Dissecção da Personalidade Psíquica, termina com uma afirmação surpreendente: "Propósito (da psicanálise) é, na verdade, fortalecer o ego, fazê-lo mais independente do superego, ampliar seu campo de percepção e expandir sua organização, de maneira a poder assenhorear-se de novas partes do id. Onde estava id, ali estará o o ego". (12:102)

Nesta perspectiva a consciência não é mais um dado e sim uma tarefa. O inconsciente, o id é o ponto de partida, a origem, o destino.

Uma hermenêutica redutora interpreta o homem a partir do seu passado, único animal prisioneiro de sua infância. Uma hermenêutica progressiva interpreta o homem a partir do seu futuro. cabe a cada um integrar dialeticamente o arké e o telos, sua arqueologia e sua teleologia, regressão e progressão, inconsciente e consciência, destino e história.

O homem, portanto, é encarado como herói trágico. O termo trágico não é usado aqui num sentido apelativo de desesperado, catastrófico, mas no sentido que a tradição clássica da literatura e da mitologia grega nos consignou. O herói grego é o homem que luta contra o destino, que quer fazer de sua vida uma história. À palavra do deus que desvela e petrifica o futuro, o herói grego reage com a rebeldia de quem quer ser senhor do seu próprio destino.

Situa-se, assim, numa tensão dialética entre o já definido pelo oráculo e o ainda não acontecido; entre a predestinação e o imprevisível; entre a realização de uma profecia e a realização do desejo criador.

A psicanálise relembra a cada um que, apesar dos determinismos do inconsciente, ainda nos resta um espaço de liberdade que deve ser conquistado. Não estamos necessariamente condenados e presos para sempre a um passado. É verdade que o infantil é o nosso destino. Ancorados na infância corremos o risco de repetir comportamentos estereotipados, mas é igualmente verdade que existe a possibilidade de levantar as âncoras e de aventurar-se 'por mares nunca dantes navegados'.

## II - A LIBERTAÇÃO EM PSICANÁLISE

A psicanálise no movimento da cultura contemporânea:

### 1 - As resistências à psicanálise

A novidade do inconsciente psicanalítico foi um duro golpe ao narcisismo humano. Após a revolução copernicana e darwiniana a psicanálise deu um golpe mortal: o homem não é senhor nem na própria casa. "Tendo deixado de habitar o centro do Universo e de ter o direito a se considerar o topo da criação, o ser humano

aprende com Freud que o ego é apenas um 'palhaço de circo', que tenta fazer crer aos seus espectadores que tudo o que ocorre no palco é obra sua" (33:399).

As reações foram muitas e provenientes de várias frentes. O próprio Freud as analisou no famoso artigo 'As resistências à psicanálise' (13).

Sabemos, porém, que 'a peste psicanalítica' não demorou muito tempo para ser absorvida e metabolizada pelo sistema capitalista burguês.

As críticas habituais, concentradas contra o chamado pansexualismo da teoria freudiana das neuroses, impediram de perceber aspectos mais radicais e potencialmente revolucionários na descoberta do inconsciente psicanalítico.

Afinal, sugerir uma maior tolerância e compreensão da sexualidade humana é inscrever mais uma causa na grande bandeira da ideologia liberal.

Superado o impacto e as reações da classe média européia do séc. XIX, nosso século não demorou em aderir à causa de uma visão mais complacente da sexualidade.

### 2 - A ideologização da psicanálise.

Afinal, por que a psicanálise se transformou de uma teoria radical numa teoria reacionária de adaptação? Não é fácil compreender como se passa da queima dos livros de Freud em praça pública a uma pacífica aceitação das teses psicanalíticas.

Na verdade, tanto a maioria dos psicanalistas, quanto de seus clientes, provinham da mesma classe média intelectual urbana. Os objetivos visados não eram sociais e sim individuais se não individualistas: não sofrer mais do que os membros comuns de sua classe.

Segundo E. Fromm "não queriam ser homens livres, mas burgueses bem sucedidos, não queriam pagar o preço radical que seria exibido pela mudança do predomínio do ter para o do ser" (25:111).

Além do mais, a própria teoria psicanalítica parece levar a atitudes de resignação social. Se na origem dos distúrbios psicológicos se esconde uma incapacidade de lidar com seus problemas sexuais, com muita probabilidade vai se negligenciar uma análise crítica dos fatores sócio-econômico-políticos que estão diretamente

na origem de uma patogênese social e, indiretamente, de uma psicopatologia individual. O radicalismo político foi encarado como filho de um complexo de Édipo mal resolvido e o ideal sugerido parecia ser o do homem da classe média liberal.

Apesar deste 'pecado' que alguns querem imputar à psicanálise, ou melhor, a certos psicanalistas ou a certas práticas psicanalíticas, é forçoso reconhecer que ela é portadora de uma potencialidade revolucionária. Ao desmascarar nossas ilusões e as ideologias políticas e religiosas, a psicanálise deu uma grande contribuição à tentativa milenar do homem para libertar-se de suas ilusões pessoais e sociais.

### 3 - As dimensões libertadoras da teoria e da prática psicanalítica.

#### 3.1 - O método psicanalítico.

É sabido que Freud chegou progressivamente e quase tateando à descoberta da psicanálise. O encontro com Charcot em Paris, a parceria com Breuer em Viena, sua própria auto-análise, o estudo dos sonhos e, especialmente, sua prática clínica afastaram cada vez mais o Freud médico da atitude autoritária que caracterizava a relação médico-paciente nos fins do séc. XIX.

Adotando a hipnose, inicialmente, passando pelo método catártico e da sugestão direta, chegou ao método da associação livre graças a uma mulher. Seu nome é Emmy von N., pseudônimo de Fanny Moser, uma baronesa de meia idade que Freud tentou curar com o método hipnótico.

Quando Freud a interrompia com suas perguntas insistentes ela, muito rispidamente, pedia a Freud que parasse de perguntar-lhe de onde veio isso ou aquilo, mas que a deixasse contar o que ela tinha a dizer.

Em 1918 Freud confessa a sua filha que Frau Emmy lhe ensinou algo mais: o tratamento pela hipnose é um procedimento inútil e sem sentido.

Freud abandona a hipnose e a sugestão e começa a adotar o método da associação livre que o acompanhará até a morte. (27:80-81)

Vamos tecer algumas rápidas considerações para destacar o alcance revolucionário e a dimensão libertadora do método psicanalítico.

A técnica da associação livre não apenas se revelou mais eficaz do que os métodos anteriores, mas representou um importante avanço para a condição humana. A 'loucura' humana não precisará mais ser acorrentada, nem física, nem simbolicamente. Ao contrário, ela é libertada, poderá ter cidadania no mundo dos homens e o paciente ser tratado como "sujeito humano" e não objeto de intervenção médica.

É verdade que Charcot arriscou todo o peso do seu prestígio num tratamento mais humano das neuroses, especialmente da histeria.

A hipnose, porém, que ele conseguiu retirar do charlatanismo e alçar ao nível de uma abordagem científica, continuava a ser um método autoritário e trágica expressão da pretensa onipotência do médico. O método da associação livre, ao contrário, reconhecerá no paciente um saber implícito que deve ser respeitado e valorizado, acabando desta maneira com a relação de dominação que caracterizava os demais métodos clínicos.

Quando alguém procura uma ajuda terapêutica é porque se encontra numa situação existencial limite que sozinho não consegue transpor.

Há um sofrimento, manifesto nos sintomas, que pede alívio e uma decifração. Eles falam uma linguagem que seu portador não entende.

Alguém (o analista) deve saber ler a misteriosa linguagem metafórica e traduzir-lhe o significado, o porque do sofrimento.

Ao analista, portanto, o cliente confere um suposto saber. No imaginário do cliente o analista tem a chave explicativa dos sintomas, tem o saber competente, ocupa o lugar da palavra reveladora.

O analista, porém, sabe que não sabe e que o verdadeiro saber está no cliente. Na medida que aceita verbalizar suas associações livres, algo será dito além do que é pensado. Não é apenas um sujeito que fala, mas um sujeito que é falado pelo "outro", pelo inconsciente, cabendo ao analista escutar pacientemente esta linguagem feita de silêncios, de atos falhos, lapsus liguae, sonhos etc. . .